

**PADRINHOS HUMANOS, PADRINHOS SANTOS:  
o sistema de apadrinhamento Capuxu  
e a agência das crianças**

***HUMAN GODPARENTS, SAINT GODPARENTS:  
the Capuxu patronage system  
and children's agency***

---

Emilene Leite Sousa\*

Resumo

Este artigo trata do sistema de apadrinhamento Capuxu à luz da agência das crianças. O povo Capuxu é um grupo camponês endogâmico que habita o Sítio Santana-Queimadas, no Sertão da Paraíba. Com o intuito de analisar o sistema de apadrinhamento ao qual estão submetidas às crianças Capuxu, parte-se da hipótese de que o apadrinhamento é uma estratégia de reciprocidade e sociabilidade que engendra novas relações de parentesco, estando intimamente relacionado à construção da pessoa Capuxu, e de que a criança é o elo vital para a construção de tais relações. O artigo privilegia a análise da tipologia, dos rituais e das relações de apadrinhamento vigentes entre este povo. Embora o sistema de apadrinhamento seja planejado pela comunidade antes mesmo que as crianças nasçam, a partir de certa idade elas o assumem, inovando suas regras e imprimindo nele sua marca e sua agência.

**Palavras-chave:** Apadrinhamento. Reciprocidade. Agência infantil. Povo Capuxu.

**Abstract**

This article approaches the Capuxu people godparents system in the light of children's agency. Capuxu people are an endogamous peasant group that inhabits the Sítio Santana-Queimadas in the backlands of Paraíba State. In order to analyze the godparents system to which the Capuxu children are subjected, I started from the assumption that choosing someone as the child godparent is a reciprocity and sociability strategy that engenders new kinship relations which are closely related to the construction of the Capuxu person, and the child is the vital link for constructing such relationships. I dedicated myself to the analysis of the typology, the rituals and the relationships established through godparents which are present among these people. Although the godparents system is planned by the community even before the children are born, from a certain age on they assume it, innovating its rules and giving it their traits and their agency.

**keywords:** Godparents system. Reciprocity. Children's Agency. Capuxu People.

---

\* Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. E-mail: emilenesousa@yahoo.com.br

## Apresentação

Este artigo é produto de parte da minha pesquisa de doutorado realizada entre os anos de 2012 e 2014 sobre a produção da pessoa Capuxu à luz da análise dos corpos das crianças. A partir desta experiência, compus uma etnografia de como processos diversos de produção do corpo das crianças Capuxu desembocam na fabricação da pessoa, tudo culminando na elaboração de um *ethos* camponês e de uma identidade étnica.

Dentre os aspectos definidores do corpo e da pessoa Capuxu, estão três importantes sistemas – de parentesco, de nomeação e de apadrinhamento – que, articulados a outros elementos, dão forma ao adulto Capuxu, em seu *ethos* e sua identidade.

Mas, para que isso vigore, convém produzir intensamente o corpo das crianças através de rezas, curas e benzeduras, rituais e dieta específica. Paralelo a isso se produz a pessoa, a partir de uma religiosidade acentuada, de modos de se relacionar com a mata e os bichos, de uma aprendizagem focada nos sentidos e na experiência e do desenvolvimento de um modo de trabalhar desde tenra idade.

Em todas estas dimensões do fazer o corpo e a pessoa Capuxu, a agência das crianças é notada, ratificada. Em cada uma delas, as crianças atuam encontrando novas formas de modificar aquilo imposto a elas pelos adultos, que foi criado antes mesmo que elas nasçam, e que lhes é ensinado. Assim, as crianças transformam, por meio de sua agência, sistemas consolidados, atribuindo-lhe novas formas e novos sentidos.

Dentre estes, destaco para este artigo o sistema de apadrinhamento por humanos e santos. Esta escolha reflete a importância das relações de apadrinhamento e compadrio no sertão da Paraíba e entre o povo Capuxu, sendo estas relações tecedoras daquelas de parentesco que atravessam o sistema de parentesco, atribuindo-lhe novos formatos e novos modos de se relacionar, agregando novos parentes. Todas essas modificações contam com a agência das crianças Capuxu.

Com base nisso, o objetivo deste artigo é analisar o sistema de apadrinhamento ao qual estão submetidas às crianças Capuxu desde tenra idade. Para tanto, parto da hipótese de que o apadrinhamento é uma estratégia de reciprocidade e sociabilidade que engendra novas relações de parentesco (eletivo ou afetivo) estando intimamente relacionado à construção da pessoa Capuxu, e de que a criança é o elo vital para a construção de tais relações.

O sistema de apadrinhamento Capuxu será aqui analisado à luz das teorias da reciprocidade e da sociabilidade, em sua relação com a construção da pessoa Capuxu. Dedicaremos-nos à análise da tipologia, dos rituais e das relações de apadrinhamento que vigoram neste povo.

Desnecessário dizer que estes rituais, em sua maioria, ocorrem na infância, perdurando as relações que eles estabelecem pelo resto da vida da pessoa Capuxu. Ademais, não podemos esquecer que a reciprocidade, bem como a dádiva, está presente nas relações de parentesco e que o apadrinhamento engendra novas relações de parentesco, estando todos estes elementos, reciprocidade, sociabilidade, parentesco e apadrinhamento, presentes na formação da pessoa Capuxu. Para elucidar este sistema,

passemos a uma apresentação breve do povo, antes de procedermos à análise teórica dos termos e à descrição etnográfica dos rituais e das relações.

### **O povo Capuxu do sertão da Paraíba**

O povo Capuxu é um grupo camponês endogâmico que habita o Sítio Santana-Queimadas no sertão da Paraíba e que construiu uma identidade coletiva reconhecida por todos os habitantes das redondezas, uma vez que se autodenomina e é denominado como povo Capuxu.

A comunidade é composta de quase duzentos habitantes e praticamente quatro sobrenomes: Ferreira, Menezes, Lima e Costa, isto em decorrência do sistema endogâmico de parentesco com casamento preferencial entre primos.

O povo Capuxu constitui um grupo cuja diferenciação é nitidamente marcada através da produção de fronteiras e de um sentimento de pertença ao povo. As fronteiras que estabelecem a diferenciação entre os Capuxu e os outros<sup>1</sup> são claramente percebidas, tanto quanto o forte sentimento de pertença que envolve o grupo, além dos chamados sinais diacríticos, sendo estes: a aparência comum aos quase duzentos membros do grupo; o sotaque diferenciado; o sistema de parentesco endogâmico; o etnônimo e a contiguidade territorial.

Sobre a história do povo Capuxu, sabe-se que o primeiro habitante do local teria sido um baiano cujo nome era Agostinho Nunes da Costa. Esta informação justificaria o sotaque do povo caracterizado pela lentidão com que pronuncia as palavras<sup>2</sup>. Quanto ao etnônimo Capuxu, este lhes foi dado em razão de um de seus antecessores que se chamava João e tinha como hábito a caça de abelhas, dentre as quais se destacava a espécie capuxu. De modo que o apelido João Capuxu lhe foi concedido pelo povo das redondezas e repassado de geração em geração, tornando-se etnônimo do povo.

A comunidade Capuxu vive basicamente da agricultura de subsistência. Algumas outras ocupações, rurais ou não, aparecem esporadicamente para estes agricultores, sendo o cultivo do milho, feijão, legumes e frutas diversas o que garante a sobrevivência de toda a comunidade. Atualmente, a renda familiar da maioria das casas é complementada pelas políticas públicas de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família, e pelas aposentadorias de idosos, por invalidez, especialmente pelos casos de esclerose múltipla, e de portadores de necessidades especiais, embora estes últimos sejam poucos.

Outra característica interessante desse povo é o sistema endogâmico de casamento. Dentre as quarenta e nove famílias atuais, somente três são compostas

---

1 Chamo de Outros aqueles povos que habitam os sítios vizinhos que fazem fronteira com o Sítio Santana-Queimadas, os moradores da cidade de Santa Terezinha, de Patos, enfim, todos aqueles que convivem ou estabelecem relações cotidianas ou extraordinárias com o povo Capuxu e que não são Capuxu.

2 A entonação peculiar no modo como pronunciam as palavras é um importante sinal diacrítico do povo – tornando-os facilmente reconhecidos pelo chamado “sotaque” em qualquer cidade das redondezas – que trata da musicalidade peculiar da fala do grupo. Além disso, há um fenótipo comum ao grupo.

de casamentos entre pessoas que não são parentes entre si. É normal o casamento entre primos legítimos e carnais<sup>3</sup>. Este casamento entre primos carnais seria a união preferencial do local. O sistema endogâmico de parentesco constitui-se em mais um dos elementos de afirmação étnica do povo Capuxu.

Embora parte do grupo tenha migrado para São Paulo nos anos de 1980, estando lá toda uma geração, o Sítio Santana-Queimadas é o lugar por excelência do povo Capuxu. Assim, Capuxu é quem mora em Santana-Queimadas. Obviamente, a distância do seu lugar de origem dada pela migração não torna os que partiram não Capuxu, uma vez que estes acionam outros dispositivos de manutenção da identidade. Também porque ser filho de pai e mãe Capuxu, compartilhando o sangue, está no cerne da definição de Capuxu, havendo uma determinação biológica da identidade (SOUSA, 2014).

### **Sistemas de apadrinhamento: reciprocidade e sociabilidade no sertão da Paraíba**

Nas comunidades rurais do sertão nordestino, paralelamente às relações de câmbio mercantil, encontram-se prestações econômicas não mercantis que correspondem à permanência de práticas de reciprocidade camponesa, ancestrais ou readaptadas num contexto novo. Entendemos por reciprocidade a dinâmica de dádiva e de redistribuição criadora de sociabilidade, identificada por Mauss (2003) como prestação total.

Por outro lado, a dialética da dádiva, reproduzida pela lógica de reciprocidade, pode tornar-se também agonística, como mostrou Mauss (2003) e, portanto, vivida como uma obrigação, um constrangimento. Caillé afirma que

[...] em certo sentido, a dádiva não é nada desinteressada. Simplesmente, privilegia os interesses de amizade (aliança, amabilidade, solidariedade) e do prazer ou da criatividade sobre os interesses instrumentais e sobre a obrigação ou a compulsão. A obsessão das religiões ou de numerosos filósofos em procurar uma dádiva plenamente desinteressada é, portanto, sem objeto (CAILLÉ, 1998, p. 77).

A lógica da dádiva e da reciprocidade foi logo verificada em todas as sociedades humanas a partir da formulação de Mauss (2003), que defendeu a universalidade da dádiva. Já Lévi-Strauss (2003) foi o responsável por demonstrar como as estruturas elementares do parentesco são ordenadas pelo princípio de reciprocidade ou como a dádiva se relaciona com o parentesco. Segundo Caillé, o paradigma da reciprocidade ou da dádiva aplica-se a “toda ação ou prestação efetuada sem expectativa imediata ou sem certeza de retorno, com vista a criar,

---

3 Primos legítimos são aqueles de primeiro grau. Primo carnal, nomenclatura mais comum entre o povo Capuxu, é um termo popular que designa os filhos de “casamentos trocados”, isto é, quando dois filhos de uma mesma família se casam com dois filhos de outra família, sendo estes de sexos trocados, seus filhos serão considerados primos-irmãos ou primos carnais.

manter ou reproduzir a sociabilidade e comportando, portanto, uma dimensão de gratuidade” (CAILLÉ, 1998, p.76).

A lógica do sistema de reciprocidade não considera a produção exclusiva de valores de uso ou de bens coletivos, mas a criação do ser, da sociabilidade. Se para “ser socialmente” é preciso dar, para dar é preciso produzir. Produzir sociabilidades. A lógica da reciprocidade procura, portanto, a ampliação das relações sociais e afetivas, por exemplo, mediante o compadrio (LANNA, 1995). O apadrinhamento recíproco das crianças entre duas famílias, em alguns casos sem laço de parentesco consanguíneo, é uma forma de aliança extremamente forte que permite multiplicar as redes interpessoais além da esfera local, das classes sociais e das categorias socioprofissionais.

Estudando os sistemas de prestações totais e, em especial, o *potlatch*, em duas tribos do noroeste americano, Mauss (2003, p. 42) observou “o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, imposto e interessado dessas prestações”. As trocas não eram exclusivamente de bens, riquezas ou coisas economicamente úteis, mas “tratava-se antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, economicamente úteis, mulheres, crianças, danças, festas” (MAUSS, 2003, p. 188).

Mauss (2003) se dedica a explicar que entre grupos sociais como os *Kwakiutl* do Canadá e os *Kiriwina* da Melanésia existe uma relação ritual de troca de bens e pessoas, que ele denomina *fato social total*, constituído de três atos, por ele analisados: *dar*, receber e *retribuir*, estando estes três atos rituais destinados a criar sociabilidade. Para Mauss, a essência da reciprocidade está no caráter universal da tríplice obrigação de dar, receber e retribuir, sendo a reciprocidade que fundamenta a vida social.

Todavia, algumas particularidades caracterizam a reciprocidade ou a dádiva se, em vez de bens, falamos de pessoas. É assim que no sertão da Paraíba, entre o povo Capuxu, além de alimentos<sup>4</sup>, instrumentos, presentes e cortesias, os bens que circulam são as crianças, numa teia que, unindo famílias, residências, o campo e a cidade, cria redes de relações sociais recíprocas, nos termos de Simmel (2006). Estas redes podem gerar relações de parentesco eletivo ou fictício, fortalecer relações de parentesco já existentes, ou aproximar pessoas de diferentes famílias e classes sociais.

Em se tratando do sistema de apadrinhamento Capuxu, cuja matéria prima são as crianças concebidas como dádivas, podemos dizer que não se dá com o intuito de receber, se dá para que o outro dê, e procura-se estabelecer uma relação entre várias pessoas ou grupos mediante uma sequência durável de dádivas, gerando a reciprocidade. Por isso, diz-se que a reciprocidade é tão fundamental para a humanidade como o tabu do incesto.

---

4 Em pesquisa de mestrado sobre a infância Capuxu, eu já havia observado a importância das crianças para garantir a troca de alimentos na comunidade, sendo elas as principais responsáveis por levar pratos preparados entre as casas de vizinhas, irmãs, amigas ou comadres. Conforme a regra, a criança nunca volta de mãos vazias, leva um prato e traz milho, feijão, frutas ou qualquer outro alimento ou prato com o qual a mulher receptora queira devolver a gentileza, garantindo a reciprocidade (SOUSA, 2004). Assim, crianças e alimentos garantem o *continuum* da reciprocidade Capuxu.

Temple (apud SABOURIN, 2008) constata que a dádiva não é desinteressada, mas motivada pelo interesse pelo outro ou pelo reconhecimento dele. Define, portanto, a reciprocidade como o redobramento de uma ação ou de uma prestação – entre outras de uma dádiva –, como forma de reconhecimento do outro e de pertencimento a uma coletividade humana. O autor entende que reciprocidade não é uma troca como o intercâmbio, pois “a operação de intercâmbio corresponde a uma permutação de objetos, enquanto a estrutura de reciprocidade constitui uma relação reversível entre sujeitos” (TEMPLE apud SABOURIN, 2008, p. 1).

Para Mauss (2003), a reciprocidade advém da dádiva, que é o ato de dar sem esperar a retribuição, ou seja, de um ato desinteressado da parte de quem dá, mesmo sabendo que aquele que recebe tende a retribuir. Já para Bourdieu (2001) não existe ato desinteressado, ou seja, aquele que dá espera retribuição. Assim, Bourdieu acrescenta os elementos tempo e poder à relação de reciprocidade, sendo o poder adquirido por aquele que dá sobre quem recebe, deixando este último na obrigação de retribuir. Porém, no ato de dar, receber e retribuir há o elemento incerteza, isto é, quem recebe pode ou não retribuir. Neste caso, inverte-se o poder na relação, passando para aquele que recebeu a dádiva, o qual assume a posição de decidir se retribui ou não, e quando irá retribuir.

Coube a Caillé (1998) demonstrar, em suas análises sobre a dádiva, que a obrigação de retribuir está presente concomitantemente com a liberdade de retribuir ou não, retomando a ética da reciprocidade, fundamental para estruturar relações de confiança.

Assim, analisamos o sistema de apadrinhamento Capuxu como uma relação de reciprocidade que produz sociabilidade, fortalecendo as relações de parentesco ou estabelecendo relações com pessoas de fora da comunidade.

Mas o que está por trás deste sistema de apadrinhamento? Seriam as crianças bens não materiais? Seria o apadrinhamento produtor de relações de reciprocidade? De quais maneiras se retribui a dádiva de ter adquirido uma criança como afilhada? E de que maneira aquele que “dá a criança” torna-se endividado com o que “recebe”?<sup>5</sup> O que isso tem a ver com a produção da pessoa Capuxu?

Uma descrição densa das formas de apadrinhamento presentes na comunidade Capuxu, dos seus rituais e das relações que elas estabelecem, pode nos ajudar a elucidar estas questões.

### **Dar, receber e retribuir: formas de apadrinhamento, rituais e relações**

As crianças Capuxu estão submetidas, desde o nascimento, a uma série de processos de formação do corpo e da pessoa com a finalidade de garantir a

---

5 As terminologias *dar* e *receber* são nativas, sendo o modo como comumente se referem os pais ao afirmarem que “deram” o filho a tais padrinhos, e os padrinhos que dizem ter “recebido” a criança de um casal.

perpetuação do *ethos* camponês e da identidade Capuxu. Este processo de construção da pessoa Capuxu tem início na gravidez, passando pelo nascimento e se estendendo por toda a vida, mas sendo mais forte na infância.

Estas crianças são dadas, desde os primeiros meses de vida, a padrinhos/madrinhas cujas relações são essenciais para os pais da criança. Parentes, amigos ou vizinhos, próximos ou distantes, passam a ser os “segundos pais” das crianças após o apadrinhamento através de batismo na igreja católica. Entretanto, mais do que cumprir o fim de garantir que a criação dos filhos seja assistida pelos padrinhos, estas relações de compadrio geram ou fortalecem redes de relações sociais entre as famílias envolvidas no processo.

Ainda nos primeiros meses, as crianças são ofertadas mais uma vez, mas agora aos chamados padrinhos santos – um santo ou santa da igreja católica. Este passará a ser o “padrinho santo” responsável pela sua proteção e a quem as crianças devem recorrer em situações de sufoco. Assim, as crianças passam a pertencer, além de aos seus pais e a sua própria família, a padrinhos e madrinhas, humanos e santos.

A constante criação de redes de relações sociais no sertão nordestino através da reciprocidade, que faz circular bens e pessoas – especialmente crianças – não é uma novidade. Nessas sociedades, os valores humanos, que são os mais importantes, são produzidos pelas relações de reciprocidade, consideradas como mais humanas que as relações mercantis de intercâmbio ou de assalariamento (TEMPLE; CHABAL, 1995).

No sertão da Paraíba, as relações camponesas são orientadas por outros fins e valores. Por isso, a dádiva está sempre presente, conformando o conteúdo destas relações, ainda que estas assumam uma forma de compromisso ou obrigação. Isto fica evidente através dos conhecidos mutirões para construir poços, caixas d’água ou casas, para roçar a terra do vizinho doente, ou da família cujos filhos não cresceram o suficiente para assumir a sua parcela de trabalho no processo produtivo. A dádiva fica evidente também na doação da criança como afilhada, garantia de respeito e consideração, além de confiança, para com aqueles a quem a criança está sendo “dada”, sejam humanos ou santos<sup>6</sup>.

Entretanto, todo ato de dar é orientado pela esperança de adquirir algo em troca. Toda dádiva gera a expectativa de retribuição. Assim, cabe aos padrinhos humanos, dentre outras coisas, assumir a criação da criança no caso de falecimento ou impossibilidade dos pais<sup>7</sup>. E aos padrinhos santos cabe intervir junto a Deus para socorrê-las nos momentos de apuros.

---

6 Ellen Woortmann (1995) afirma que o Sítio é o “espaço de reciprocidade”, onde a dádiva é a visita aos doentes ou favores prestados pelos vizinhos ou parentes. Conforme o autor, o Sítio é ainda um “território de reciprocidade” por ser um território de parentesco. Assim, ele se torna o lugar da troca.

7 É importante destacar que não há no caso do apadrinhamento uma transferência de responsabilidade para com as crianças de pais para padrinhos – como ocorre com a circulação de crianças – mas o compartilhamento desta responsabilidade, ficando o econômico sempre a cargo dos pais. Nestes casos interessa menos a questão econômica, mas a responsabilidade e o caráter atribuídos a educação das crianças. Afinal, como demonstrou Godoi (2009, p. 292) “a sociedade camponesa é mais regida pela honra do que pelo cálculo econômico”.

Há seis tipos de apadrinhamento religioso envolvendo crianças entre os Capuxu, o que demonstra a complexidade do sistema<sup>8</sup>. O emaranhamento de padrinhos e pedidos de bênção<sup>9</sup> no cotidiano do Sítio me deixava absolutamente confusa quanto às relações de apadrinhamento, razão pela qual construí a tipologia: Padrinho/Madrinha de Apresentação; Padrinho/Madrinha de Vela; Padrinho e Madrinha de Batismo (ou Pia); Padrinho/Madrinha Santo; Padrinho/Madrinha de Fogueira; Padrinho/Madrinha de Crisma.

A principal forma de apadrinhamento entre o povo Capuxu se dá através dos batismos. Este é o mais legítimo de todos. Ele é formalizado pela Igreja Católica que confere até mesmo um certificado aos padrinhos. Entre o povo Capuxu, a maioria dos batizados ocorre na Igreja de Sant'Ana, no Sítio Santana-Queimadas, sendo raros os que são realizados na igreja da cidade de Santa Terezinha, município onde está localizado o Sítio. No Sítio, o pároco local ou o padre do município, dependendo da disponibilidade dele, celebra o batismo.

Este tipo de ritual católico, religião da maioria dos moradores, envolve mais dois tipos de padrinhos, além dos principais que são os chamados Padrinhos de Batismo ou de Pia (a expressão vem de pia batismal), sempre formados por um casal. A Igreja determina que o homem e a mulher a se tornarem padrinhos sejam casados de fato e de direito, pela Igreja, ou não tenham qualquer tipo de relacionamento um com o outro, não sendo permitido que se tornem padrinhos casais de namorados ou casais apenas com relacionamento estável (morando junto). Em geral, os escolhidos são casais de fato e de direito.

Como citado, o ritual de batismo gera ainda outros dois tipos de apadrinhamento: o chamado Padrinho de Apresentação e o Padrinho de Vela. Cabe ressaltar que, embora utilize o termo no masculino, regra geral para quem se refere a padrinhos, este apadrinhamento diz respeito tanto a padrinhos como a madrinhas, sendo apenas um dos dois, e ficando a decisão sobre o gênero a critério dos pais.

O chamado padrinho ou madrinha de Apresentação é o responsável por apresentar a criança a Deus. Para isso, no início da celebração na igreja, quando é anunciado o batismo da criança, o padrinho/madrinha de apresentação caminhará

---

8 A importância do apadrinhamento no sertão pode ser verificada pela quantidade de possibilidades de apadrinhamento que se tem. Além disso, sabemos que há várias formas de apadrinhamentos políticos, fazendeiros que ajudam seus vaqueiros e moradores, políticos que protegem coronéis e cabos eleitorais, senhoras esposas de fazendeiros, coronéis e políticos que se relacionam ajudando as esposas de vaqueiros, moradores e seus filhos, com doações de roupas velhas de seus próprios filhos, material escolar ou remédios.

9 Pires (2011) observou com perspicácia no semiárido nordestino a prática de pedir a bênção como uma prática para toda a vida e voltada às pessoas mais velhas, pais e padrinhos. Numa tentativa de associar o pedir a bênção e a religiosidade a autora conclui: "Pedir a bênção é algo que as pessoas fazem sem se dar conta. É parte do mundo como ele é, parte da vida ordinária. Para ser gente propriamente, como fomos ensinados desde criança pelas nossas famílias, é preciso pedir a bênção. Parece que certas práticas religiosas foram incorporadas ao modo de ser cotidiano dos catingueirenses (PIRES, 2011, p. 157). Penso que entre os Capuxu, para ser *pessoa* propriamente, é preciso pedir a bênção.

até o altar com a criança nos braços, ficando por lá alguns segundos para que, além de Deus, todos os presentes na Igreja possam vê-la.

Em geral, as crianças Capuxu são batizadas entre seis meses e dois anos de idade. Há pressa em batizar a criança, pois caso ocorra de ela morrer sem ser batizada, acredita-se que, por morrer pagã, não vá direto para o céu, diferente do que ocorre com as criancinhas que morrem depois de batizadas<sup>10</sup>. O mais comum é que o batismo aconteça quando a criança completa um ano de idade. Mas há um fator que interfere na decisão sobre a época de batizar a criança: é que boa parte dos padrinhos mora fora da comunidade e, às vezes, até do estado, considerando que muitos jovens Capuxu foram morar em São Paulo, e hoje, bem sucedidos, são escolhidos como padrinhos de muitas crianças. Nesse caso, o batismo fica condicionado aos períodos festivos de fim de ano (Natal e Réveillon) ou dos meses de junho e julho (São João, São Pedro e Sant'Ana), quando os Capuxu que moram fora tiram férias e podem vir visitar e batizar as crianças.

Há ainda o chamado padrinho ou madrinha de Vela, responsável por segurar a vela durante a celebração do batismo, no altar, ao lado dos pais da criança e dos chamados padrinhos de batismo. Como já citado, os Padrinhos de Batismo são os únicos com certificado instituído pela Igreja. Para isso, é necessário que os padrinhos passem por um curso preparatório que pode ser realizado em qualquer paróquia do País, mas devem apresentar o documento de certificação do curso no dia do batismo, para que fique arquivado na igreja onde ocorre o ritual.

O ritual do batismo na igreja é caracterizado por uma série de símbolos: a criança usa vestes brancas que simbolizam a pureza, é batizada com a água que a purifica do pecado, e é também unguida com óleo, sendo dois os rituais de unção, um com a infusão na água e outro com o óleo. Há ainda a vela acesa (a ser segurada pelo Padrinho/Madrinha de Vela), que servirá de guia, iluminando pais e padrinhos a ajudarem a criança a traçar um caminho para Deus.

Poderíamos dizer, grosso modo, que os padrinhos de Apresentação e de Vela são assessórios durante o batismo, uma espécie de apadrinhamento complementar. Eles flutuam em torno dos padrinhos principais (os de batismo ou de pia). Em todo caso, eles cumprem uma importante função social, já que são considerados padrinhos para o resto da vida e, findo o ritual, a depender da distância entre o lugar de moradia da criança e seus padrinhos de batismo, uma relação mais próxima pode se estabelecer entre a criança e os padrinhos de apresentação ou vela, dada a convivência cotidiana.

Entre o povo Capuxu, de modo geral, é comum que se peça a bênção aos padrinhos, mesmo os adultos e os idosos, se ocorre de ainda terem padrinhos vivos. Aliás, mesmo após a morte dos padrinhos, os idosos se referem a eles sempre com as

---

10 Pires (2011) observou também em Catingueira que “se uma criança pequena morre, acredita-se que ela vá diretamente para o céu – exceto quando não foi batizada, segundo os católicos. Porém o batismo, também pode ser realizado pós-morte, restaurando o equilíbrio necessário para a aceitação daquela alma no céu. Ela ‘é um inocente’, como se diz em Catingueira daquele que não possui pecados” (PIRES, 2011, p. 79).

nomenclaturas de padrinho e madrinha acrescentados antes do nome, como “finado padrinho José” ou “finada madrinha Ana”.

Também as crianças são ensinadas desde sempre a “pedirem a bênção”, às vezes através da expressão “dê a bênção ao seu padrinho”, ao invés de “peça a bênção”. Assim é que, mesmo antes de falar, ainda bebês, elas estendem a mãozinha em direção aos padrinhos sem saber pronunciar qualquer palavra. Quando maiores, elas começam a praticar a gestualização formal dos pedidos de bênção: a mão direita é estendida para o padrinho/madrinha com a voz em tom de petição na expressão quase interrogativa “à bênção, padrinho?”, este deve beijar as costas das mãos da criança dizendo “Deus lhe abençoe”, e em seguida esticar o braço levando as costas de sua própria mão para que a criança a beije.

Este gesto é praticado sempre que as crianças encontram seus padrinhos de Apresentação, de Vela ou de Batismo, ou – se forem vizinhos e se encontrarem várias vezes por dia – pelo menos uma vez por dia, ou até mesmo duas vezes, ao amanhecer e ao anoitecer, no caso de conviverem ou estarem sob o mesmo teto.

Além dos padrinhos de Apresentação, de Vela e de Batismo, há ainda três outros tipos a serem aqui mencionados. São eles os Padrinhos Santos, os Padrinhos de Crisma e os Padrinhos de Fogueira. Os Padrinhos Santos são escolhidos entre o rol de santos do panteão católico, especialmente nas folhinhas de calendário que identificam o dia de cada santo. O critério de escolha do padrinho santo para a criança pode ser pelo fato de o nascimento dela ter ocorrido no dia do santo, quando então, além de herdar o nome do santo, a criança o terá como padrinho. Mas também pode se dar por outras razões: a biografia do santo que comove seus pais ou uma graça já alcançada pelos pais através de determinado santo, que os tornaram devotos. Assim, um modo de retribuir a graça alcançada será deixando um filho aos cuidados do santo. A partir de então será a criança também devota daquele santo. Vale aqui mencionar a reciprocidade presente também nas relações com o sobrenatural, pois mesmo nas relações que se estabelecem entre os santos e os homens cabem obrigações e retribuições. Sendo a gratidão e a retribuição que caracterizam estas relações. Ou seja, na lógica Capuxu até aos santos, de quem se obtém algo, é preciso dar algo em troca.

Esta forma de apadrinhamento não possui um ritual específico no âmbito da igreja, sendo conformado pela informalidade da doação que os pais das crianças fazem, em oração, aos santos.

Interessante registrar que há, entre os Capuxu, a crença difundida de que a história de vida da pessoa pode se encontrar em algum momento com a história de vida do santo a quem fora dado como afilhado, fazendo com que, por algum detalhe em comum, seus destinos pareçam iguais. Aos padrinhos santos cabe proteger seus afilhados e intervir diretamente junto a Deus nos momentos de perigo ou suplício pelos quais venham passar seus afilhados, que recorrem sempre aos seus padrinhos santos como advogados perante Deus.

Passemos a uma análise dos chamados Padrinhos de Fogueira, cujo ritual, realizado fora da igreja católica, e tal como ocorre em relação aos Padrinhos Santos, é classificado aqui como religioso, por dizer respeito a santos como São João e São Pedro e por terem seus rituais realizados nas noites em que se comemoram estes santos.

Este tipo de apadrinhamento se dá, por assim dizer, no final da infância ou início da adolescência, sendo mais por iniciativa das crianças do que de seus pais. Isto também porque há uma forma lúdica no ritual que se manifesta no meio de uma festa, na noite ou na madrugada de São João e de São Pedro, em volta da fogueira acesa nos terreiros das casas. Desta forma, o ritual é envolto em diversão e é de desejo das próprias crianças. Há também um fator importante a ser mencionado: esta é a única ocasião em que é dado a criança o direito de escolher seu padrinho ou madrinha, podendo ser escolhido alguém com a idade igual a sua ou pouco maior que a sua, de modo que as crianças e adolescentes terminam por reforçar os laços de amizade através do Batismo de Fogueira.

Também por isso percebemos que o mais comum é uma divisão dos gêneros, já que as meninas optam por ter madrinhas de fogueira, e os meninos optam por padrinhos de fogueira, e ambos procedem à escolha valendo-se do critério 'nível de amizade'. Assim, crianças maiores, a partir de 9 ou 10 anos de idade, já são envolvidas neste ritual, escolhendo seus padrinhos e participando do ritual sob a observação divertida dos adultos nas noites de festa. São também os adultos que corrigem os deslizes resultantes de qualquer esquecimento durante o rito, em que se deixa de pronunciar alguma das palavras do ritual, ou algum gesto é omitido ou mesmo estabelecido de maneira incorreta; afinal, no passado, também os adultos tiveram seus Batismos de Fogueira.

Vejamos a descrição do ritual.

Durante a noite de São João ou São Pedro, em que se comemora o dia destes santos, após escolher seu padrinho ou madrinha de fogueira e fazer-lhes o convite, tendo eles aceitado, os dois devem pôr-se de pé, cada um de um lado da fogueira, de frente um para o outro. É importante, pois, que as chamas da fogueira (suas labaredas) estejam baixas, caso contrário os dois podem se machucar, já que, em seguida, dão-se as mãos cruzadas esticadas por cima da fogueira (nos casos em que a fogueira seja grande em diâmetro impossibilitando que as mãos se alcancem, ou nos casos em que as labaredas estejam altas demais, podendo queimar as crianças, usam-se pequenas varinhas retiradas da mata).

Uma vez ligados por cima da fogueira, seja por suas próprias mãos ou pelas varinhas que se tocam, os dois, padrinho e afilhado, passam a girar em volta da fogueira na mesma direção, em passos lentos, e o pretendente a afilhado deverá pronunciar os seguintes versos:

*São João falou*

*São Pedro confirmou*

*Que você fosse minha madrinha*

*Que São João mandou* [no caso de ser dia 23/06, véspera de São João]

*Que São Pedro mandou* [no caso de ser dia 28/06, véspera de São Pedro]

É importante esclarecer que as relações entre padrinho/madrinha de fogueira e afilhado são parecidas com aquelas estabelecidas entre os demais tipos, inclusive o de batismo, devendo a criança pedir a bênção, respeitar, honrar seus padrinhos e ajudá-los no que for preciso. Quanto aos padrinhos, estes devem atuar como

segundos pais das crianças, orientando, ajudando, acompanhando de perto sua educação.

Para finalizar a nossa tipologia, resta-nos citar os Padrinhos de Crisma, que derivam de um batismo chamado de Rito de Crisma ou Rito da Confirmação, pois ele visa à confirmação do ritual do batismo católico, quando, adultos, os fiéis podem renovar sua fé em Cristo.

Este tipo de apadrinhamento por batismo, que acontece quando meninos e meninas completam quinze anos de idade, é o último, e ocorre na Igreja de Sant'Ana, no Sítio, não se diferenciando do ritual realizado nas igrejas da cidade. Até porque ele segue o rito elaborado pelo Vaticano, com apresentação dos crismandos, uma missa voltada para eles e a apresentação de seus padrinhos.

O Rito de Crisma gera o apadrinhamento de Crisma, dando lugar a novos padrinhos que não substituem os primeiros, mas vêm se unir a eles. Em Santana-Queimadas, os Padrinhos de Crisma são escolhidos pelos jovens, com alguma influência de seus pais. Não são aceitos, por exemplo, padrinhos muito jovens que tenham a mesma idade dos afilhados. Em geral, são buscados padrinhos ou madrinhas mais velhos. Também se escolhe apenas um, padrinho ou madrinha, não sendo permitido um casal.

O apadrinhamento de Crisma é um tipo de apadrinhamento importante, mas ele não se sobrepõe ao de batismo ou de fogueira, sendo estes dois os que regem as principais relações de compadrio e de apadrinhamento. Às vezes, nem se leva a cabo o dever de pedir a bênção ao padrinho de crisma, sendo muito mais um ritual formal da igreja do que real, caso daqueles outros que orientam e tecem as redes sociais Capuxu.

Mas há uma ressalva a ser feita no que diz respeito às relações engendradas pelo apadrinhamento. A princípio, todo apadrinhamento produz compadrio, mas no caso da tipologia Capuxu isso não é verdade. A única forma de apadrinhamento que gera compadrio é o batismo, as demais formas não tornam os pais da criança e seus padrinhos (de Apresentação, de Vela, Santo ou de Fogueira) compadres. Eles não se referem uns aos outros como “compadre e comadre” e não parece haver qualquer tipo de mudança nas relações que se estabeleciam antes e depois dos rituais de apadrinhamento<sup>11</sup>.

Isto se dá especialmente porque este tipo de apadrinhamento não passa pelos adultos, pois a escolha dos padrinhos é feita pelas crianças. Logo, esse tipo de apadrinhamento não produz relações de compadrio entre adultos, não envolvendo

---

11 Também Heredia (1988) observara entre produtores rurais da zona da mata pernambucana que “uma das comemorações mais respeitadas pelo grupo é a festa de São João, também denominada ‘festa do milho’, porque marca o início da colheita do milho, e para a qual se preparam comidas com base nesse vegetal. Nesta festa, as relações entre os membros do grupo são solidificadas quando os habitantes estabelecem relações de compadrio denominadas ‘de brincadeira’. As pessoas mais próximas tornam-se compadres de São João apenas nesse dia, efetivando a relação frente à fogueira que se acende como parte das celebrações. Apesar de não serem chamados de compadres na vida diária, nesta ocasião manifestam-se e tornam-se explícitas as relações de afinidade já existente entre as pessoas” (HEREDIA, 1988, p. 48).

compadres, apenas padrinhos e afilhados.

Isto explica talvez a importância que tem para a comunidade, especialmente para os adultos, o apadrinhamento por batismo. Primeiro porque a sua escolha pode acontecer antes mesmo de a criança nascer, uma escolha feita pelos seus pais. Além do mais, este tipo de apadrinhamento, o único que envolve um casal, termina por envolver duas famílias, sendo, como já mencionado, o único que gera relações de compadrio. Não devemos perder de vista que os padrinhos de Apresentação e Vela também são escolhidos pelos pais, mas estes também não engendram relações de compadrio. Fazer parte do universo adulto produzindo relações entre compadres faz com que o apadrinhamento por batismo seja considerado o mais importante, pelo menos do ponto de vista dos adultos.

Por outro lado, se o ritual de padrinho/madrinha de fogueira não gera compadrio, ele revela um importante aspecto da infância Capuxu: a autonomia que é dada às crianças. Percebamos que, como ocorre no sistema onomástico<sup>12</sup>, as crianças conseguem criar estratégias para burlar os sistemas formais, e suas estratégias terminam por ser legitimadas pelos adultos e pela comunidade de modo geral. Se no sistema onomástico as crianças escolhem maneiras de chamarem umas as outras que não correspondem aos nomes que lhes foram atribuídos pelos seus pais na infância (SOUSA, 2014), também no apadrinhamento de fogueira elas escolhem para si outros padrinhos que, a depender da proximidade com a criança na vida cotidiana, podem se tornar mais importantes para elas que os de batismo, considerados pelos adultos os principais padrinhos. Em tudo que diz respeito à cultura Capuxu, as crianças dão um jeito de imprimir suas regras, de modificar aquilo que lhes é imposto e de ressignificar o sistema.

No que diz respeito à escolha dos padrinhos de batismo, a regra geral entre o povo Capuxu é que sejam primos dos pais da criança, sendo este o tipo mais comum de compadrio que registrei. Às vezes, a criança pode ser “dada” a um tio ou tia – alguma irmã ou irmão dos pais e seus respectivos cônjuges – àqueles com quem os pais da criança mantêm uma forte relação de amizade, aos avós ou vizinhos, tendo sido descritos aqui pela ordem de prioridade ou importância verificada por mim em campo<sup>13</sup>.

A produção de solidariedade e reciprocidade através do apadrinhamento por batismo e por santos também ocorre em detrimento do fato de que a criança, neste caso, é considerada “dada”, oferecida, o que gera redes de solidariedade entre

---

12 Em outra ocasião, demonstrei como, apesar do sistema endonímico com transmissão e herança de nomes, as crianças atribuem-se apelidos que passam a vigorar na comunidade; e estes apelidos adquiridos na infância se tornam vigentes pelo resto da vida do indivíduo (SOUSA, 2014).

13 Heredia (1988) observou que “os laços de vizinhança reforçam-se com laços de parentesco e muitas vezes com relações de compadrio. Neste último caso, os laços de vizinhança e de parentesco são ainda fortalecidos. O compadrio adquire grande importância devido à grande quantidade de filhos em cada família, razão pela qual, frequentemente, pode-se ser compadre da mesma pessoa várias vezes. Aqui, como em outras áreas camponesas, é hábito dar um afilhado para receber outro em troca” (HEREDIA, 1988, p. 47).

casais que se tornam compadres. Já entre os padrinhos de fogueira, como a iniciativa parte da própria criança, não há no ato alguém que dê/oferte a criança e alguém que receba a dádiva. A negociação é feita entre as próprias crianças, e o ritual termina por fortalecer os laços de amizade formal entre elas. No apadrinhamento por batismo que gera compadrio os laços são criados através de adultos envolvendo crianças, já no apadrinhamento de fogueira os laços são criados pelas próprias crianças entre elas mesmas.

A escolha de padrinhos que configurem primos dos pais da criança é interessante e significativa, afinal estes primos eram cônjuges possíveis e possibilidades de casamento que não se concretizaram. Nesse sentido, esta escolha funciona como uma estratégia para reforçar o vínculo entre primos, já que estes não se casaram. Assim, tornam-se compadres aqueles primos que eram afins em potencial e poderiam ter se tornado cônjuges. Percebemos como a cordialidade gera o casamento, mas, por outro lado, também gera o compadrio, nos casos em que os casamentos não se efetivaram.

Esta recorrência da escolha de padrinhos que já são parentes funciona como uma espécie de estratégia que visa reforçar os laços de solidariedade e coesão da comunidade, além de produzir reciprocidade. Por isso, reforço a tese de que o sistema de apadrinhamento Capuxu, bem como os de parentesco e nomeação (SOUSA, 2014), é um importante mecanismo de produção da pessoa e de solidariedade e reciprocidade social, cimentando a coesão da comunidade através do reforço dos laços internos e, esporadicamente, da construção e reforço de laços com os Outros.

Interessante é que estas formas de apadrinhamento garantem, de certa forma, uma espécie de mobilidade, permitindo que as crianças transitem entre casas e famílias, obtendo uma segunda casa e uma família à parte, e que possam circular pela vida social Capuxu e pelo sobrenatural com alguma proteção (através dos padrinhos santos). Ora, que elementos estão por trás dessa rede de conexões entre famílias, cuja matéria prima é a própria criança?

Importante dizer que as crianças Capuxu são também as responsáveis por levarem recados e informações às casas da comunidade, já que elas têm acesso a todas as moradias do local. As crianças circulam com facilidade e com elas circulam as informações, os recados, as notícias sobre os acontecimentos mais recentes. Além disso, elas são também as responsáveis por realizar as trocas de comidas, pratos preparados pelas vizinhas ou comadres que enviam umas as outras, ou alimentos de modo geral, frutas etc., com que se queira presentear alguém da comunidade. São sempre as crianças que tecem essas redes de trocas, porque são mais ágeis, rápidas, já que insistem em “andar sempre correndo”, seja a pé, ou de bicicleta, ou até mesmo apostando corridas atléticas com seu cãozinho vira-lata.

Ademais, o sistema de apadrinhamento reforça os laços da comunidade Capuxu: cria redes de parentesco onde não havia, fortalece as amizades entre compadres, a solidariedade entre afilhados e filhos e garante que a criança esteja amparada socialmente, em qualquer situação. Afinal, é dever dos padrinhos assumir os afilhados como filhos em caso de tragédia e morte dos pais.

Outro aspecto importante é que todas as formas de apadrinhamento passam pelo corpo. O corpo está no centro de todos os rituais de apadrinhamento,

naquele em que a criança é apresentada, permanecendo nos braços do Padrinho de Apresentação; naquele em que é unvida, benzida através do sinal da cruz feito na testa, e tem parte do corpo imerso na água pelos padrinhos de pia ou de batismo; naquele em que tem seu corpo iluminado pela vela segurada pelo Padrinho de Vela; e no ritual da fogueira, onde os corpos unidos de afilhada e padrinho dão voltas em torno da fogueira se deixando aquecer por ela nas noites mais frias do ano no sertão. A única exceção talvez fosse o Padrinho Santo, que sem ritual específico não parece fazer uso do corpo como instrumento a ser transformado, tocado ou manipulado durante um ritual; mas não se considerarmos que os corpos destas crianças carregam escapulários no pescoço com a imagem de seus padrinhos santos, imagens como aquela colocada na parede acima da cama ou desbotada pelo tempo na moldura envelhecida em algum canto da casa.

Ademais, há processos de produção do corpo da criança e da pessoa Capuxu que são de responsabilidade dos padrinhos. O enterro do umbigo pode ser realizado pelos pais, avós ou pelos padrinhos se estiverem por perto ou disponíveis. As madrinhas são, em geral, responsáveis por furar a orelha de suas afilhadas e dar de presente o primeiro brinco. Se são convidadas a serem madrinhas desde a gravidez, a pulseirinha a ser usada desde a maternidade deve trazer o nome da criança escrito na plaquinha que é de ouro (como os brincos) e também é dada, em geral, pelos padrinhos. São eles também os responsáveis pelos primeiros cortes (quando for o caso) de unha e de cabelo e por acompanhar toda a educação da criança e seu crescimento.

Outro fator interessante a ser considerado diz respeito às terminologias nativas de “dar” e “receber” a criança. Distinções terminológicas revelam diferenças nas concepções que as acompanham. No discurso das mães, elas “deram”, como se as crianças fossem bens, dádivas. “Eu dei ela a fulana”. Já os padrinhos se referem a este processo como “eu recebi fulana”. O dar e o receber como afilhada, aqui, torna evidente a reciprocidade, explicitando que há entre o dar e o receber a feitura de teias de relações sociais.

Este discurso se caracteriza por uma ambiguidade e ambivalência semelhantes às que conformam o discurso sobre a dádiva, no qual as ações que parecem tecer uma mesma teia de relações oferecem aos seus sujeitos diferentes possibilidades de compreensão do mesmo processo, a depender do lugar que este sujeito ocupa. Há uma clareza no processo de quem dá o filho (os pais) e de quem o recebe (os padrinhos), o que não fica evidente é qual destes dois atos – dar ou receber – agrega maior valor. A mãe que dá o filho entende ter dado seu bem mais precioso, mas a família que o recebe entende que realizou um gesto ainda mais honroso ao recebê-lo. Ora, o que vale mais, no caso do sistema de apadrinhamento, dar ou receber?

O fundamental é que, como toda dádiva, o apadrinhamento gera obrigações, inclusive a da retribuição, que neste caso consiste não exatamente em “dar” aos seus compadres um filho seu para batizar, numa espécie de apadrinhamento cruzado ou trocado, embora este ato também seja comum. A retribuição esperada é apenas o cumprimento das obrigações de padrinho em relação à criança. O apadrinhamento trocado não se torna o mais recorrente pelo fato de ele não gerar novas relações, apenas fortalecer relações já existentes.

## Considerações finais

Entendo que o sistema de apadrinhamento das crianças Capuxu é uma significativa prática social, modo pelo qual a criança pode se mover entre numerosas residências “obtidas” através de laços de compadrio e amizade, e como parte da migração rural-urbana. Esta prática realoca crianças numa extensa teia de famílias ligadas através de relações de compadrio e outras formas de parentesco fictício, tecendo redes de relações sociais recíprocas, conforme Simmel (2006).

Avalio o sistema de apadrinhamento de crianças como um processo de formação e transformação de parentesco e sociabilidade, além de se configurar como um exemplo importante da tríade maussiana: dar-receber-retribuir.

O compadrio consiste em laços criados entre adultos envolvendo as crianças, constituindo-se como importante ferramenta para construir alianças. No compadrio, a criança é a moeda de troca, o elo entre os dois grupos de adultos. Representando o elemento de união e de troca, elas são negociadas através de relações de compadrio que são uma extensão da família. No sertão da Paraíba, o compadrio ocupa um lugar estratégico no jogo de relações que os pais estabelecem em volta da criança, sendo uma ocasião privilegiada para exprimir afeto e amizade em relação aos membros da parentela ou aos amigos próximos, criando ou reforçando laços de afeto<sup>14</sup>.

Embora reconheça o aspecto religioso deste apadrinhamento, definido etimologicamente por “relação em Deus” – como na discussão estabelecida por Fine (2011), cuja ênfase está na importância social e religiosa do apadrinhamento –, interessa-me aqui a importância social do apadrinhamento entre os Capuxu, visto que sua importância está na construção de novas redes de relações sociais através da reciprocidade.

O apadrinhamento Capuxu é uma prática que prevê um lugar para a criança e a possibilidade de seus parentes praticarem a reciprocidade de comida, cuidado e educação. Neste sentido, a sociabilidade Capuxu é fundamentada na reciprocidade, no dar-e-receber, nas trocas e conexões que fundam relações (MAUSS, 2003).

Além disso, a autonomia do universo infantil Capuxu se evidencia fortemente através do sistema de apadrinhamento; a agência infantil se revela não só pelas relações que se estabelecem entre crianças e seus padrinhos (que engendram novas relações de parentesco), mas porque através do apadrinhamento de fogueira, as crianças elegem novos padrinhos, escolhidos em seu círculo de amizade, que em alguns casos se tornam mais próximos do que aqueles escolhidos pelos seus pais que lhes batizaram na infância.

De modo geral, a agência infantil perpassa os principais sistemas da organização social Capuxu – parentesco, onomástica e apadrinhamento – transformando-os e imprimindo neles sua autonomia.

---

14 A relação de apadrinhamento, nos termos de Agnès, está colocada sob o signo do dom e da reciprocidade, o dom de cuidar dos afilhados e assumi-los em alguns casos, sendo uma maneira dos padrinhos e madrinhas de devolver o bem simbólico, a criança que lhes foi dada pelos pais (FINE, 2011).

O sistema de apadrinhamento, para além de revelar uma dinâmica de solidariedade, coesão e reciprocidade que se instaura entre o povo, revelou a religiosidade que os leva a buscar proteção para seus filhos em duas categorias primordiais de padrinhos: os humanos (preferencialmente os primos) e os santos. Os primeiros reconhecidos pela igreja, num ritual católico tradicional e valorizado pela comunidade em geral; os segundos, obtidos através de relações mais pessoais entre homens e santos, neste caso, sem a mediação da Igreja.

Ademais, o apadrinhamento é uma condição sem a qual não se funda a pessoa Capuxu. Uma pessoa sem padrinhos (humanos e santos) na comunidade estaria desprotegida, à mercê do destino, da sorte. Ter padrinhos é, além de estar assegurado em termos de apoio na ausência dos pais, garantir a reciprocidade entre famílias, entre compadres e entre padrinhos e afilhados. Um atributo da pessoa Capuxu é ser apadrinhado num sistema onde compadres, padrinhos e afilhados estabelecem relações de solidariedade e reciprocidade que estruturam toda a comunidade.

## Referências

- CAILLÉ, Alain. Nem holismo, nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 5-38, 1998.
- FINE, Agnès. Apadrinhamento e relações familiares na sociedade francesa contemporânea. Trad. Miriam Pillar Grossi. ver. Flávio Tarnovski. Texto apresentado na Conferência do PPGAS/UFSC, em 27 de abril, 2011.
- HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. [1979]. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GODOI, Emília Pietrafesa. Reciprocidade e circulação de crianças entre camponeses do sertão. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (orgs.) **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**, v. 2. São Paulo; Brasília, DF: Unesp; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- LANNA, Marcos. **A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste Brasileiro**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário; 7).
- MAUSS, Marcel. [1969]. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?: religião e infância no semiárido nordestino**. Rio de Janeiro; João Pessoa: E-papers; Ed. da UFPB, 2011.
- SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-208, fevereiro, 2008.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SOUSA, Emilene L. **Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. 2014. 422p. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- TEMPLE, Dominique; CHABAL, Mireille. **La réciprocité et la naissance des valeurs humaines**. Paris: L'Harmattan, 1995.

---

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo; Brasília: Hucitec; EdUnb, 1995.

Recebido em 09/06/2015

Aceito em 26/10/2015